

Alguns dos vocabulários mais usados em psicanálise

Bissexualidade

Um conceito paradigmático da cultura atual

*Por Maria Elisabeth Cimenti**

Entre os diversos conceitos teóricos apresentados por Freud, a bissexualidade talvez seja o mais interessante de se pensar neste momento de nossa cultura contemporânea, na qual há uma ênfase em se abarcar as diversidades. Realizo esta revisita ao conceito, passeando por aberturas interessantes encontradas no autor. Ao final do século XIX, a filosofia e a ciência já tratavam da questão da bissexualidade. Mas foi Fliess através de suas cartas, que colocou o tema em destaque para Freud. Este o acolheu, entretanto, com um sentido diferente ao designado por seu interlocutor. Fliess afirmava que o recalcado seria precisamente a parte não dominante da bissexualidade. Freud discordava. Sua posição era que a sexualidade infantil num todo sofria o processo de recalçamento, gerando a amnésia característica dos primeiros anos.

O autor salienta que a anatomia do homem e da mulher sempre traz em si a marca dos dois sexos, apresentando em certa medida um hermafroditismo natural da espécie. Em paralelo apontaria para uma bissexualidade psíquica, responsável pelo complexo de Édipo duplo: um positivo, no qual a criança deseja o progenitor do sexo oposto e rivaliza com o do mesmo sexo e um negativo, com a relação inversa. A resolução deste complexo conduz a criança a se identificar com ambos progenitores em diferentes graus, apresentando geralmente alguma dominância em sua escolha sexual e definição de gênero a partir desta etapa, que serão mais plenamente consolidadas na adolescência. Como se vê, a bissexualidade permeia já as primeiras escolhas sexuais, colorindo a síntese sexual alcançada pelo sujeito ao final.

Observa-se que Freud tinha razão em sua discordância com Fliess, uma vez que o recalçamento pode recair também sobre os desejos incestuosos e rivalidades do complexo de Édipo positivo. No entanto, parece que os efeitos da bissexualidade e do complexo de Édipo negativo foram mais profundamente rechaçados e francamente repudiados na cultura ocidental. Prova disso está na radicalidade com que a cultura organiza os modelos dos gêneros, definindo como deve ser um homem e como deve ser uma mulher, através de normas estritas e restritivas. Regras engessadas sobre os comportamentos de cada gênero foram erigidas, de modo a enquadrar as pessoas, gerando uma parte do mal estar na cultura que Freud menciona em seu artigo bastante atual (1930[1929]). Sabemos que exigências restritivas excessivas podem transformar-se em preconceitos desastrosos.

Neste texto Freud diz: *...a civilização se comporta diante da sexualidade da mesma forma que um povo.... procede diante de outros que estão submetidos a sua exploração. O temor a uma revolta por parte dos elementos oprimidos a conduz à utilização de medidas de precauções mais estritas... A exigência, demonstrada nestas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça (p. 125).*

Claro que esta citação de Freud precisa ser contextualizada. Ele não está incitando à liberalidade absoluta na cultura, mas apontando para o fato de que as exigências culturais em todos os sentidos, inclusive sobre a sexualidade humana, ainda que necessárias, geram infelicidade. E mais, assinala que a repressão excessiva se torna insustentável, pelo mal-estar que impõe. Portanto, talvez seja importante rever, de quando em quando, as imposições prescritas, seus excessos e suas aplicações ambivalentes. Muitas vezes se estimula uma liberdade de escolha para as pessoas, mas se coíbe a livre escolha quando realizada através da discriminação.

Como nos colocar no século XXI diante da bissexualidade? Ela sempre se manifestou desde as culturas mais antigas. Suas diferentes expressões hoje são evidentes no exercício da sexualidade dos jovens. Parece que o jovem encara a diversidade sexual com mais naturalidade. Permite-se vivenciar situações até então vetadas para as gerações que os antecederam. Como aconteceu esta transformação? E, nós adultos? Conseguimos nos haver com uma sexualidade juvenil muito mais explícita e diversificada do que até então fora permitido? Ou estamos atônitos e inconformados? Sem dúvida, surgiu neste início de século uma interrogação a respeito do comportamento sexual. Nós, psicanalistas, estamos aptos a realizar a leitura desta manifestação contemporânea? Talvez se possa tentar abordar a questão da bissexualidade humana e suas manifestações na atualidade, como um significante em busca de sentido.

A cultura é viva. A vida está aí e requer que se faça uma releitura deste tema.

* Maria Elisabeth Cimenti é psicanalista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.